

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA-INC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELITON FERNANDES BASTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO EM SALA DE AULA
INDÍGENA NA VOZ DISCENTE E DOCENTE**

Benjamin Constant - AM
2021

ELITON FERNANDES BASTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO EM SALA DE AULA
INDÍGENA NA VOZ DISCENTE E DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
requisito final à obtenção do
grau de licenciado em
Pedagogia pelo Instituto de
Natureza e Cultura -
INC/UFAM/BC.

Orientadora: Professora Dra. Marinete Lourenço Mota

Benjamin Constant - AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B327r Bastos, Eliton Fernandes
A relação professor e aluno em sala de aula indígena na voz
discente e docente / Eliton Fernandes Bastos . 2021
60 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Marinete Lourenço Mota
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Relação professor e aluno. 2. Ensino e aprendizagem. 3.
Escola indígena. 4. Discente. I. Mota, Marinete Lourenço. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

ELITON FERNANDES BASTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO EM SALA DE AULA
INDÍGENA NA VOZ DISCENTE E DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final à
obtenção do grau de licenciado em
Pedagogia pelo Instituto de Natureza e
Cultura - INC/UFAM/BC.

Aprovado em _____ de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Marinete Lourenço Mota - Presidente
Instituto de Natureza e Cultura/UFAM/BC

Profª. MSC. Maria Simone Ribeiro da Silva Cruz - Membro
Instituto de Natureza e Cultura/UFAM/BC

Prof. MSC Herbert Santana Garcia de Oliveira - Membro

Aos meus familiares.

*Aos professores
Indígenas de
Benjamin Constant e
especialmente os da
Escola Indígena
Ebenezer.*

*A todos os alunos
indígenas
participantes da
pesquisa.*

*A todos os mestres que se
fizeram presentes em
minha trajetória de
ensino, pelo incentivo
nessa conquista.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pelas inspirações divinas e encorajamento na superação dos obstáculos e dificuldades superadas no percurso da graduação.

Aos meus familiares que me incentivaram a concluir o curso de graduação em Pedagogia e a enfrentar os momentos difíceis pelos quais sempre enfrentamos.

Aos meus amigos e parceiros da graduação, pelas experiências, pelos bons e difíceis momentos partilhados.

Aos professores do curso e de todo o Instituto de Natureza e Cultura pelos ensinamentos que me permitiram construir uma experiência profissional.

Aos professores e alunos da Escola Municipal Indígena Ebenezer de Filadélfica.

*O professor disserta sobre o ponto
difícil do programa. Um aluno dorme,
cansado das canseiras desta vida.*

O professor vai sacudi-lo?

Vai respondê-lo?

Não.

O professor baixa a voz,

Com medo de acordá-lo.

Carlos Drummond de Andrade

*O professor não ensina, mas arranja
modos de a própria criança descobrir.
Cria situações-problemas.*

Piaget

RESUMO

Esta monografia vem abordar a realização da pesquisa acerca da temática da relação professor e aluno em sala de aula indígena. Temática de suma relevância na perspectiva de se compreender como se estabelece o processo ensino aprendizagem numa perspectiva indígena. Conta com um aporte teórico e metodológico com base nos aspectos políticos educacionais legais que embasam a educação a nível nacional e local, como por exemplo, a Constituição Federal do Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional. Conta, ainda com autores que tratam do estabelecimento das relações entre professores e alunos em diferentes abordagens, ou tendências educacionais como Mizukami (1994), Freire (1996), Haydt (1985), Nil (1963), Antunes (2020), Baptista (2008), Leite (2006) e Meliá, (1979 e 1981). A metodologia fundamenta-se no enfoque fenomenológico da pesquisa qualitativa por meio da Pesquisa de Campo realizada no ano de 2017 durante as atividades de coletas de dados das disciplinas obrigatórias da Prática da Pesquisa Pedagógica do curso de Pedagogia do Instituto de Natureza e cultura, antes da pandemia da covid-19. Como instrumentos de coletas de dados destacam-se a observação em sala de aula e entrevistas semiestruturadas aplicadas com os sujeitos escolares professores e alunos. O resultado versa sobre a descrição conceitual acerca do tema, das práticas pedagógicas docentes na ótica dos alunos e dos próprios professores sobre o estabelecimento das relações para o ensino e a aprendizagem. Destaca-se, ainda as perspectivas discentes sobre como deve se dar uma boa relação entre professores e alunos no processo educativo escolar de qualidade e mais significativo. Conclui-se que para ocorrer um processo de ensino e aprendizagem de maneira satisfatória, não é tão simples, é preciso se fundamentar nas teorias da complexidade que exige a educação escolar indígena, é preciso se compreender os diferentes fatores e dimensões que fazem parte desse processo, ou seja, uma compreensão mais ampla e não fragmentada do ensino e aprendizagem.

Palavras-chaves: Relação professor e aluno. Ensino e aprendizagem. Escola indígena.

RESUMEN

Esta monografía aborda la realización de investigaciones sobre el tema de la relación maestro-alumno en un aula indígena. Tema de gran relevancia en la perspectiva de comprender cómo se establece el proceso de enseñanza-aprendizaje desde una perspectiva indígena. Tiene un aporte teórico y metodológico basado en aspectos políticos educativos legales que sustentan la educación a nivel nacional y local, como la Constitución Federal de Brasil de 1988, la Ley de Lineamientos y Bases para la Educación Nacional. También cuenta con autores que abordan el establecimiento de relaciones entre docentes y alumnos en diferentes enfoques, o tendencias educativas como Mizukami (1994), Freire (1996), Haydt (1985), Nil (1963), Antunes (2020), Baptista. (2008), Leite (2006) y Meliá (1979 y 1981). La metodología se basa en el enfoque fenomenológico de la investigación cualitativa a través de la Investigación de Campo realizada en 2017 durante las actividades de recolección de datos de las asignaturas obligatorias de la Práctica de Investigación Pedagógica del curso de Pedagogía del Instituto de Naturaleza y Cultura, ante la pandemia del covid-19. . Como instrumentos de recolección de datos, se destacan la observación en el aula y las entrevistas semiestructuradas aplicadas con sujetos escolares, docentes y alumnos. El resultado aborda la descripción conceptual sobre el tema, las prácticas pedagógicas de los docentes desde la perspectiva de los estudiantes y los propios docentes sobre el establecimiento de relaciones para la enseñanza y el aprendizaje. También es destacable la perspectiva de los alumnos sobre cómo debe darse una buena relación entre profesores y alumnos en el proceso educativo escolar de calidad y más significativo. Se concluye que para que ocurra un proceso de enseñanza y aprendizaje satisfactorio, no es tan simple, es necesario basarse en las teorías de complejidad que requiere la educación escolar indígena, es necesario comprender los diferentes factores y dimensiones que forman parte de la este proceso., es decir, una comprensión más amplia y no fragmentada de la enseñanza y el aprendizaje.

Palabras clave: Relación profesor-alumno. Enseñando y aprendiendo. Escuela indígena.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 -	Frente da Escola Ebenezer em Filadélfia.....	33
Quadro 1 -	Demonstrativo da Escola Indígena Ebenezer.....	34

LISTA DE ABREVIATURA

AM - Amazonas

CF – Constituição Federal

CGTT- Conselho Geral da Tribo Ticuna

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INC - Instituto de Natureza e Cultura

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

OGPTB- Organização Geral dos professores Ticuna Bilíngue

PNE - Plano Nacional de Educação

RECNEI – Referencial Curricular Nacional Educação Infantil

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Sumário

CAPITULO I	15
1.1 JUSTIFICANDO A ESCOLHA DA TEMÁTICA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NA EDUCAÇÃO INDÍGENA	15
1.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS	19
1.3 ABORDAGEM SOCIOHISTÓRICO, CULTURAL E OS PRINCÍPIOS DE UMA BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....	20
CAPÍTULO II	30
2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES NA ÓTICA DISCENTE SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS	30
2.1 A ESCOLA INDIGENA EBENEZER EM FILADELFIA: CONTEXTUALIZANDO O LÓCUS DA PESQUISA.....	30
2.2 OS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA EBENEZER: QUEM SÃO E DE ONDE VÊM?	33
2.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS RELAÇÕES PROFESSOR X ALUNO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS.....	35
CAPÍTULO III	43
3 AS PERSPECTIVAS DISCENTES SOBRE A BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR X ALUNO NA ESCOLA INDIGENA	43
3.1 QUEREMOS QUE MELHORE O ENSINO DO PROFESSOR!	43
3.2 AS BRINCADEIRAS NA PERSPECTIVA DA BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR X ALUNO.....	46
3.3 O PROFISSIONAL DOCENTE NA VISÃO DOS ALUNOS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSOR(A)	58
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS(AS) ALUNOS(AS)	59
APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBERVAÇÃO EM SALA DE AULA	60

INTRODUÇÃO

Esta monografia vem abordar a realização da pesquisa acerca da temática da relação professor e aluno em sala de aula indígena. Temática de suma relevância na perspectiva de se compreender como se estabelece o processo ensino aprendizagem numa perspectiva indígena. Logo suscita a compreensão dos importantes papéis sociais dos principais sujeitos alunos e professor no processo educativo

O professor, por sua vez, deve ser compreendido como mediador do trabalho educativo escolar, deve ter em mente que suas ações influenciam os alunos de forma direta e indiretamente, as quais podem repercutir positivamente ou negativamente na vida escolar do aluno e fora da escola. Portanto, o professor deve ter consciência do seu papel social e deve investir em qualificação constantemente, tendo em vista as mudanças na sociedade e, nesse caso, principalmente nas relações sociais.

A educação escolar indígena hoje atua a partir do princípio da interculturalidade na perspectiva da qualidade educacional formal. Neste sentido privilegia-se a utilização de uma educação específica diferenciada que é a bilíngue, ou seja, os professores atuam formando o discente a partir da língua materna para cultivar os valores culturais tradicionais e a portuguesa na perspectiva de garantir seus direitos sociais no planeta terra.

Poucos estudos estão voltados para se compreender como se dá a relação entre professor e aluno em comunidades indígenas, principalmente pesquisas que se voltem para a percepção da própria criança. Diante do exposto é que definimos a grande questão desse estudo que é saber como os alunos do 5º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da escola municipal indígena Ebenezer – AM definem a relação professor e aluno em seus processos ensino aprendizagem na perspectiva de uma educação de qualidade?

Nesse aspecto os objetivos da pesquisa versam sobre: geral - analisar a definição da relação professor e aluno de acordo com a percepção dos discentes do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da escola municipal indígena Ebenezer na perspectiva de um processo ensino aprendizagem escolar de qualidade que respeite suas diferenças e seus interesses; específicos - identificar os conceitos teóricos e empíricos

que embasam uma boa relação entre professor e aluno na perspectiva de uma educação indígena; compreender a partir dos alunos as práticas de relações entre professor e aluno acerca das perspectivas que eles têm de uma boa relação que possam levá-los a uma educação escolar de mais qualidade e significativa no âmbito escolar; e identificar os pontos positivos e negativos da relação professor X aluno a partir do próprio discente;

A pesquisa conta com um aporte teórico e metodológico com base nos aspectos políticos educacionais legais que embasam a educação a nível nacional e local, como por exemplo, a Constituição Federal do Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional. Conta, ainda com autores que tratam do estabelecimento das relações entre professores e alunos em diferentes abordagens, ou tendências educacionais como Mizukami (1994), Freire (1996), Haydt (1985), Nil (1963), Antunes (2020), Baptista (2008), Leite (2006) e Meliá, (1979 e 1981).

A abordagem qualitativa, a partir do enfoque fenomenológico são norteadores do estudo, priorizando a Pesquisa de Campo realizada durante o desenvolvimento das Práticas de Pesquisas Pedagógicas e Estágios Supervisionados na Escola Municipal Indígena Ebenezer, na comunidade indígena Ticuna de Filadélfia, Benjamin Constant – AM, como atividades obrigatórias do currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Natureza e Cultura.

Vale enfatizar que o levantamento de dados ocorreu no ano de 2017 por meio dos instrumentos de observação em sala de aula e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos da referida escola.

A prática e observação de campo é parte de fundamental importância no processo de formação, constituindo-se como deum treinamento que possibilita vivenciar a articulação da teoria e prática no que se refere a práxis docente. Se deu por meio de um roteiro de observação de sala de aula com registros em diário de campo.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas por meio de um roteiro previamente estabelecido para os diferentes sujeitos: professores e alunos. As aplicações ocorreram nos horários alternativos, ou seja, durante os intervalos, horário de planejamento a partir do aceite tanto da Secretaria Municipal de educação, quanto da escola e os sujeitos envolvidos. No caso dos alunos crianças a ciência e aceite foram de comum acordo com os pais e das próprias crianças que fizeram a escolha de serem participantes na pesquisa.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo trata de apresentar a reflexão sobre a temática da relação professor e

aluno, contemplando a justificativa da escolha do tema a partir das provocações teóricas e práticas do curso de Pedagogia

O segundo capítulo vem descrever a observação realizada na escola campo, contemplando a descrição dos alunos indígenas, da escola e das práticas pedagógicas docentes durante o desenvolvimento das atividades educativas realizadas pelos professores em sala de aula.

O terceiro apresenta o resultado embasado na voz dos discentes a respeito do tema, ou seja, a partir da aplicação das entrevistas sobre os seus anseios, suas experiências de relações com os docentes, sobre suas visões e percepções das relações estabelecidas pelos professores no âmbito escolar.

CAPITULO I

RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONCEITOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA

1.1 JUSTIFICANDO A ESCOLHA DA TEMÁTICA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NA EDUCAÇÃO INDÍGENA

A relação professor e aluno permite que os educadores a concretização do processo ensino aprendizagem. É por meio da relação que professor e aluno estabelecem aproximações de trabalho educativo, nesse sentido faz-se necessário um clima de amizade e colaboração mútuas.

Para isso o professor deve saber mediar o processo de ensino aprendizagem com o aluno de forma satisfatória, além disso, é importante quando o professor assumir a postura do aluno, e juntos tentar resolver e solucionar problemas. O aluno não aprende do dia para o outro, por isso é necessário que o educador tenha bastante paciência, e bem mais que isso, amor pela docência.

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem.

Percebe-se que o relacionamento humano é fundamental na relação comportamental do profissional, desta forma é essencial um bom relacionamento entre professor e alunos, pois envolve interesses e intenções assim esta interação é relevante, para que a educação seja um dos fatores mais importantes do desenvolvimento comportamental e de valores das pessoas.

A minha trajetória na educação básica foi na escola municipal indígena Ebenezer, então, a escola me proporcionou o ensino básico. Dito isto a oportunidade de aprender só dependia da minha pessoa e dos meus pais, assim como sou aluno refletia bastante o que queria para minha vida, até aos 14 anos de idade foi quando fiquei no ensino básico na minha própria comunidade. Após ter concluído o ensino básico, passei a

estudar na cidade para frequentar o ensino médio na escola imácula conceição, a realidade já era outra, as dificuldades começaram a aparecer pelo distanciamento da escola, que localizava na zona urbana, mas os pensamentos negativos não me dominavam, mesmo tendo essa grande dificuldade, meu pensamento era positivo.

Meu nome é Eliton Fernandes Bastos, tenho 40 anos e vou contar um pouco da minha trajetória escolar como futuro profissional em relação à educação.

Posso dizer que minha infância foi ótima, e até hoje estou morando na minha comunidade Filadélfia, pois tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar, aprontar e chorar também. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com meus amigos, jogava bola, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho debaixo da chuva e brigava muito também, mas é normal na vida das crianças. Quase sempre brigava com o menino Adroaldo, hoje é orientador pedagógico da escola Ebenezer.

Mas o que mais eu adorava era andar com meus primos jogava bola com eles na comunidade vizinha que fica perto da nossa comunidade, que eram uma felicidade só, pois até hoje sou um eterno apaixonado pelo futebol.

Minha educação indireta com a escrita e com a leitura foi muito boa, pois sempre estiveram em torno de jornais, revistas, mesmo que meus pais tivessem poucos estudos sempre fizeram com que eu tivesse oportunidades de vivenciar a escrita. Meus pais não tiveram oportunidade de ficar todos dia em casa, pois tenham roça para eles plantarem para manter a família para sobreviver.

Quando eu ia passar minhas férias na roça do meu pai, muitas foram às vezes que fiquei embaixo de uma árvore, olhando uma revista de jornal em quadrinhos, e como eu não tinha domínio da leitura, eu mesmo dava sentido para a história que estava vendo. Eu e minha irmã fazíamos boias de garrafa pet e fugíamos para tomar banho no açude escondido de meu pai.

Adorava acordar de manhã bem cedinho e sentir aquele cheirinho de fumaça do fogão à lenha que meu pai sempre acendia bem cedo, pois a hora que nós levantávamos e íamos direto assar milho verde. Sinto muita saudade e fico bastante emocionado em lembrar-me de coisas maravilhosas que fiz em minha infância. Uma brincadeira que me lembro bastante era a de entrar nos açudes e pegar peixinhos para asar, depois à gente levava para minha mãe assar pra nós comer. Pode até parecer que são coisas estranhas, mas, para mim, tinha muito significado, mais ainda porque eu era muito chato, não tinha

ninguém que conseguisse fazer amizade comigo, que era meu apelido, ficar quieta ou dentro de casa: isso era impossível, eu estava sempre procurando algo para aprontar

Após isso, a caminhada da minha educação básica na escola não foi fácil, quando eu já entrei no ensino fundamental a dificuldade já era outro, por que as aulas já começou com os professores não indígena, então isso é a minha grande dificuldade que eu tive nesse tempo. Por motivo da linguagem deles Mas aprendizagem dos professores não indígena me ajudou bastante em relação a sua aprendizagem, e cada professores motivou os alunos para que os alunos não se sintam desanimado e cada vez mais motivado, para que os alunos indígenas sejam algo na vida de cada um, foi isso a motivação dos professores indígena ou não indígena se motivam os alunos.

Depois de terminar o ensino médio, fiquei um bom tempo sem estudar, então resolvi fazer minha inscrição para o vestibular na UFAM. Conseguir passar mas não estava muito preparado para entrar numa faculdade de fazer o curso de Pedagogia, mas para a alegria de minha mãe e de meu e do meu pai, me incentivaram, porque eu sou o primeiro filho que vai fazer uma faculdade pra eles, é por isso me emocionei estou ai fazendo a minha graduação se deus vai permitir vou terminar a minha Faculdade.

Passei e comecei com muito entusiasmo, mesmo que, às vezes, as pessoas me perguntavam mas por que Pedagogia “Que coisa sem graça”.

Ao passar os dias, percebi que cursar uma faculdade não é fácil, mas faz a gente formar, pensar e criar novos conceitos sobre a educação de todos e, mais ainda, a nossa própria educação.

A faculdade nos abre espaços que, muitas vezes, em toda a caminhada da escola, não foram propostos para nós, e isso atualmente acho muito importante, porque quantas foram as vezes que tinha algo a falar ou até a protestar, e não tinha uma chance sequer para isso acontecer. Era professor ali na frente autoritário, muitas vezes, e nós alunos ali um atrás do outro só copiando coisas que não tinham saber e nem importância naquele momento, Pois, o que faltava era dialogicidade com os seres que ali ocupavam aquele espaço. Quando comecei a faculdade, tinha entusiasmo, agora tenho alegria, prazer, curiosidade no que estou fazendo, o que me deixa aborrecida é o fato de eu não aproveitar 100% do curso por motivo de tempo, mas tento aproveitar todos os momentos que me oportunizam a conhecer e a aprender. Socializar é uma das coisas que aprendi no curso, porque antes eu era muito tímida ainda sou, mas não como antes.

Em toda minha vida tive oportunidades de conhecer e dizer o que gosto e o que não gosto, sou extremamente grato a Deus, por ter tido momentos maravilhosos e ter

tido pessoas especial em minha vida. Muitas já não estão mais nele, mas muitas ainda estão fazendo parte ainda e com isso sou muito feliz, amo minha família, meus momentos de hoje e de alguns que me deixam saudade. São lembranças que carregarei comigo sempre.

Penso que consegui mostrar um pouco minha trajetória escolar, e sei que se sou o que sou é pelo simples fato de existir, de conseguir interagir com o meio em que estou inserida, mostrar meus conhecimentos para diversos indivíduos e em diversos momentos.

No dia 04 de janeiro de 2016 foi o primeiro dia da aula no INC/UFAM, eu estava muito ansioso fez, pois já conhecia algumas colegas da nossa turma de pedagogia além do colega que eu conhecia morava juntos na mesma comunidade que ele passou também, nesse primeiro dia nós fomos para o auditório e lá explicaram o objetivo de cada curso e as salas dos cursos, e isso foi muito importante para nós, pois éramos calouros muito dificuldade e não tínhamos muito conhecimento com relação ao curso. Aos poucos dias fui conhecendo os colegas do outro município que estudaram junto comigo e me identifiquei bastante pelo meu curso.

Portanto, logo no início tive muita dificuldade de chegar até ao INC/UFAM por que moro na comunidade a 10 km da instituição e falta de transporte e financeira, mais nunca pensei em desistir em inúmeras vezes eu tive que sair da minha casa bem cedo para chegar mais cedo na UFAM pelo fato que meus pais, e nem eu tinha condição de me manter na universidade, foi muito sofrimento, mas não desistir dos meus sonhos, eu tenho que alcançar os meus objetivos.

Em relação curso de pedagogia me proporcionei porque é muito importante estudar esse curso, me relacionar e me entender a relacionamento como futuro profissional na educação para levar esse conhecimento na minha comunidade e para os alunos indígena para saber realmente sobre a relação professor e aluno, então a pedagogia me ajudou bastante a me compreender na questão relação professor e aluno na educação indígena.

Em relação a minha temática relação professor e aluno, a disciplina que me ajudou bastante foi a disciplina da prática pedagógica, é suma importância nessa questão relação professor e aluno, me levando na teoria e a prática na sala de aula, ensinando para entender melhor, ou seja levar esse conhecimento na área da educação indígena, para que nós como futuro profissional saber realmente como se dar com os alunos na sala de aula.

1.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

A educação escolar indígena é um tema que está em discussão e análise há alguns anos, luta-se por uma educação indígena diferenciada, em que os valores culturais, étnicos, e linguísticos dos povos indígenas sejam considerados pela sociedade não-índia e pela escola frequentada por estes povos. Tais valores são extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois, para que este processo se concretize é necessário que os alunos aprendam através dos conhecimentos que adquiriram em sua vivência cotidiana na aldeia.

De acordo com Nascimento (2000 p.33) não é possível pensar acerca do índio brasileiro sem a presença da instrução escolar em suas vidas e/ou no interior de suas comunidades. O contato com o colonizador trouxe consigo a escola. Com objetivos explícitos de catequização, de preparação para o trabalho, de integração, de assimilação e, mais contemporaneamente, de interculturalidade – ou de bilinguismo, como alguns ainda chamam -, a escola indígena traz, em seu bojo, em sua essência, um problema que pode ser caracterizado como um problema político-social: a qualidade. A qualidade não só no sentido restrito do domínio de competências tradicionais (ler, escrever, calcular, definir, conceituar) mas principalmente a qualidade no sentido de conscientização dos alunos, através do conhecimento, de sua identidade como índice da afirmação ou não da diferença.

A escola indígena deve contar com um currículo adequado a clientela que atende. O conteúdo a ser ministrado na escola, como aponta Brito (2004),

Deve estar voltado para a discussão da situação indígena, de acordo com a função a ser assumida pela educação para o índio. Isto inclui também o uso de elementos da cultura tradicional na escola, como os mitos, por exemplo. As proposições convergem para a utilização destes relatos como elemento motivador dentro da escola. [...] Os mitos podem ser utilizados para motivar a aprendizagem escolar, embora a escola não deva substituir os espaços próprios da tradição oral, BRITO (2004 p. 113).

Ninguém melhor que o próprio índio para pensar sobre uma educação escolar indígena adequada. Ele é o conhecedor de sua cultura, de suas necessidades, de seus problemas. O Estado brasileiro, quando pensa em uma “educação para os índios”, visa, apenas, a tornar possível a sua homogeneização, transmitindo conteúdos valorizados

pela sociedade de origem europeia. Analisando o que foi exposto até aqui, uma condição fundamental para se chegar a uma escola adequada para os índios, além, é claro, da sua participação na construção do currículo, é que seja utilizado o ensino bilíngue/multilíngue, porque, de acordo com o RECNEI,

Os professores devem se preocupar em realizar leituras, esclarecer suas dúvidas, refletir sobre suas atitudes, seus métodos, pois, infelizmente, acredita-se que se faz necessário o índio valoriza sua língua em detrimento da língua portuguesa, para que se possa buscar o equilíbrio inicial, fundamental para se iniciar uma proposta de educação bilíngue e intercultural. “Como afirma Meliá (1981: p. 09), “a educação indígena, como tal, se apresenta inviável; a educação para o índio um fracasso”.

A educação indígena diferenciada, em que os valores culturais, étnicos, e linguísticos dos povos indígenas sejam considerados pela sociedade não-índia e pela escola frequentada por estes povos. Tais valores são extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois, para que este processo se escolar indígena é um tema que está em discussão e análise há alguns anos, luta-se por uma educação concretize é necessário que os alunos aprendam através dos conhecimentos que adquiriram em sua vivência cotidiana na aldeia.

O processo de escolarização dos povos indígenas iniciou-se na época do Brasil colônia, em 1549, com a chegada dos Jesuítas ao país, para que fizessem um trabalho que atendesse as necessidades da coroa portuguesa e os interesses da Igreja Católica, dando-se, assim, início ao trabalho de evangelização, utilizando-se como meio para atingir esse objetivo, a escola de ler e escrever que, aparentemente preocupava-se com a instrução do índio e dos filhos dos colonos.

Na prática o que ocorreria era a escolarização dos filhos dos colonos que davam continuidade aos estudos na Europa, enquanto os índios eram apenas catequizados para servirem de mão-de-obra escrava, pois os colonizadores não os consideravam adequados para a formação sacerdotal católica, restando-lhes apenas um ensino profissional e agrícola imprescindível para formar pessoas capacitadas em outras funções essenciais à vida da colonização.

1.3 ABORDAGEM SOCIOHISTÓRICO, CULTURAL E OS PRINCÍPIOS DE UMA BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

No Ensino Fundamental foi de suma relevância este trabalho, na perspectiva de conhecer melhor a prática pedagógica do professor, além de identificar a relação professor aluno, bem como para se compreender como se deve desenvolver o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Para isso, o professor deve saber mediar o processo de ensino aprendizagem com o aluno de forma satisfatória, além disso, é importante quando o professor assumir a postura do aluno, e juntos tentar resolver e solucionar problemas. O aluno não aprende do dia para o outro, por isso é necessário que o educador tenha competências imprescindíveis à sua docência, como por exemplo, o conhecimento técnico, saber guiar a aprendizagem dos alunos, compreender bem as habilidades que o aluno precisa desenvolver para aprender.

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação são importantes. Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos,

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutastes (FREIRE, 2005, p. 91).

A relação professor e aluno é um tema que envolve variados aspectos, direta ou indiretamente ligados ao processo de ensino na escola em todas as suas modalidades. Cada modalidade de ensino, seja educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e também ensino superior, possui características específicas de cada realidade e depende muito da maneira de como o professor efetiva vínculos de relacionamento com esse aluno para que proporcione um ensino ativo, participativo e satisfatório da disciplina que ministra.

O professor é o mediador do saber elaborado e ele cria condições para que o seu aluno construa o conhecimento. O docente, mas que trabalhar com um conteúdo predeterminado, tem que saber das necessidades dos alunos para poder melhor compreendê-las e possibilitar que seus alunos não se sintam ameaçados e avancem no

processo de aprender. Em suma, ele tem o papel e a responsabilidade de fazer com que os educandos tenham para com ele uma relação que enriqueça cada dia o seu modo de aprender.

Não podemos pensar nos seres humanos como sujeitos passivos, o trabalho educativo tem que considerar a transformação educativa e não treinamento técnico, pois para Freire (1996) esta atitude é amesquinhar o que é de fundamentalmente humano no exercício educativo, educar é formar. O ensino e aprendizagem não existem sem a participação dos dois sujeitos, que são os professores e os alunos. O trabalho não depende exclusivamente do professor e nem somente dos alunos. Os papéis são diferentes, mas ambos aprendem no processo, tanto quem está ensinando quanto quem está aprendendo.

Com relação à educação escolar para os povos indígenas, a LDB faz menção a ela em dois momentos. No Artigo 32, reproduz o direito estabelecido no Capítulo 210, da Constituição Federal e assim se refere: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Após passarmos por seis Constituições, a sétima, em vigor a partir de 1988 exige do Sistema Nacional de Educação novas políticas de tratamento, atendendo particularidades e peculiaridades culturais dos diferentes grupos étnicos, em uma perspectiva intercultural. Com a Constituição de 1988 os diversos povos indígenas tiveram reconhecidos as suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam. art.231, “Esses povos conquistam para a escola uma nova função social tendo como referência as relações entre cultura(s), currículo e identidade: um novo espaço, um espaço de fronteiras sociais”.

A educação indígena evidenciou os processos de aprendizagem de diferentes povos, que não conhecem os padrões de transmissão de conhecimentos tradicionais para a formação de jovens e crianças de acordo com as suas concepções sobre sociedades e formação da pessoa humanas. As práticas socializadoras das comunidades, em diversificados momentos, por meios de diferentes agentes ao longo de toda vida são educacionais por naturezas, se valem por oralidades e tem estratégias próprias, pois,

A escola indígena é uma escola pedagógica peculiar, e como tal deve ser tratada pelas agências governamentais promovendo as

adequações institucionais e legais necessita para garantir implementação de uma política de governo que priorize assegurar as sociedade indígena uma educação diferenciada, respeitando seu universo sociocultural seja garantida e realizadas nos sistema de ensino do país de maneira articuladas coordenadas.” (MÉLIA,1979 p.37)

A educação escolar proposta pelos jesuítas se afirmou de duas maneiras: na primeira denominada período heroico, os padres moravam nas aldeias junto com os nativos. Eles acreditavam que essas pessoas eram papeis em branco. Nessa etapa, os jesuítas divulgavam a doutrina da Igreja e usavam formas e estratégias, por meio convencimento, para educar os rebeldes “Aproximavam-se dos índios devagar e, com mímicas e presentes, iam atraindo os índios para o mundo que eles queriam impor nas suas vidas” (HILSDORF, 2003 p.7)

A escola indígena se caracteriza por ser comunitária, ou seja, espera-se que esteja articulada aos anseios de comunidade e a seus projetos de sustentabilidade territorial e cultural. Dessa forma, a escola e seus profissionais devem ser aliados da comunidade e trabalhar a partir do diálogo e participação comunitária, definindo desde o modelo de gestão e calendário escolar, devem estar em conformidade às atividades rituais e produtivas do grupo social, caracterizando assim, a escolas indígenas como “[...]espaços de fronteira, entendidos como espaços de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e de redefinições indenitárias dos grupos envolvidos nesse processo, índios e não-índios” (TASSINARI 2001 p, 125).

A educação escolar indígena é um tema que está em discussão e análise há alguns anos, luta-se por uma educação indígena diferenciada, em que os valores culturais, étnicos, e linguísticos dos povos indígenas sejam considerados pela sociedade não indígena e pela escola frequentada por estes povos. Tais valores são extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois, para que este processo se concretize é necessário que os alunos aprendam através dos conhecimentos que adquiriram em sua vivência cotidiana na aldeia.

De acordo com Nascimento (2000 p.33) não é possível pensar acerca do índio brasileiro sem a presença da instrução escolar em suas vidas e/ou no interior de suas comunidades. O contato com o colonizador trouxe consigo a escola. Com objetivos explícitos de catequização, de preparação para o trabalho, de integração, de assimilação e, mais contemporaneamente, de intercultural idade – ou de bilinguismo, como alguns ainda

chamam -, a escola indígena traz, em seu bojo, em sua essência, um problema que pode ser caracterizado como um problema político-social: a qualidade.

A qualidade não só no sentido restrito do domínio de competências tradicionais ler, escrever, calcular, definir, conceituar) mas principalmente a qualidade no sentido de conscientização dos alunos, através do conhecimento, de sua identidade como índice da afirmação ou não da diferença. A escola indígena deve contar com um currículo adequado às necessidades dos alunos. O conteúdo a ser ministrado na escola,

Deve estar voltado para a discussão da situação indígena, de acordo com a função a ser assumida pela educação para o índio. Isto inclui também o uso de elementos da cultura tradicional na escola, como os mitos, por exemplo. As proposições convergem para a utilização destes relatos como elemento motivador dentro da escola. [...] Os mitos podem ser utilizados para motivar a aprendizagem escolar, embora a escola não deva substituir os espaços próprios da tradição oral (BRITO, 2004 p. 113).

Ninguém melhor que o próprio índio para pensar sobre uma educação escolar indígena adequada. Ele é o conhecedor de sua cultura, de suas necessidades, de seus problemas. O Estado brasileiro, quando pensa em uma “educação para os índios”, visa, apenas, a tornar possível a sua homogeneização, transmitindo conteúdos valorizados pela sociedade de origem europeia. Analisando o que foi exposto até aqui, uma condição fundamental para se chegar a uma escola adequada para os índios, além, é claro, da sua participação na construção do currículo, é que seja utilizado o ensino bilíngue/multilíngue, porque, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI

[...] as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, os pensamentos e as práticas religiosas, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngue em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante (BRASIL, 1998, p. 25).

Os professores devem se preocupar em realizar leituras, esclarecer suas dúvidas, refletir sobre suas atitudes, seus métodos, pois, infelizmente, acredita-se que

se faz necessário o índio valorizar sua língua em detrimento da língua portuguesa, para que se possa buscar o equilíbrio inicial, fundamental para se iniciar uma proposta de educação bilíngue e intercultural. Como afirma Meliá (1981, p. 09), “[...] a educação indígena, como tal, se apresenta inviável; a educação para o índio um fracasso”.

A educação indígena diferenciada, em que os valores culturais, étnicos, e linguísticos dos povos indígenas sejam considerados pela sociedade não-índia e pela escola frequentada por estes povos. Tais valores são extremamente importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois, para que o processo escolar indígena seja um tema de discussão e análise, é preciso muita luta por uma educação que priorize os conhecimentos da vivência cotidiana na aldeia dos alunos.

O processo de escolarização dos povos indígenas iniciou-se na época do Brasil colônia, em 1549, com a chegada dos Jesuítas ao país, para que fizessem um trabalho que atendesse as necessidades da coroa portuguesa e os interesses da Igreja Católica, dando-se, assim, início ao trabalho de evangelização, utilizando-se como meio para atingir esse objetivo, a escola de ler e escrever que, aparentemente preocupava-se com a instrução do índio e dos filhos dos colonos.

Na prática o que ocorreria era a escolarização dos filhos dos colonos que davam continuidade aos estudos na Europa, enquanto os índios eram apenas catequizados para servirem de mão-de-obra escrava, pois os colonizadores não os consideravam adequados para a formação sacerdotal católica, restando-lhes apenas um ensino profissional e agrícola imprescindível para formar pessoas capacitadas em outras funções essenciais à vida da colônia.

Esse tema fala sobre as relações entre crianças e adultos na Educação Infantil é importante, dada a sua relação com as temáticas mais gerais do processo de desenvolvimento das crianças e das finalidades dessa etapa da educação. “Para Galvão (1995), o desenvolvimento do adolescente é marcado por muitos conflitos, que são próprios do ser humano, alguns são importantes para o crescimento, outros provocam muito desgaste e transtornos emocionais.

Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar.

No primeiro ano de vida, a atividade principal da criança – isto é, aquela através da qual ela entra em contato com o mundo que a rodeia, aprende e se desenvolve

– é a comunicação emocional com os adultos que se aproximam dela. Impossibilitada, nessa idade, de se comunicar através de palavras, a comunicação acontece pelo olhar e o movimento corporal, percebendo emoções do adulto por meio do toque, da fala e do olhar.

Em cada idade da criança, há uma forma específica por meio da qual a criança melhor se relaciona com o mundo, e atribui significado e sentido ao que vê e vive. O estudo da criança nas diferentes idades mostra que, em cada idade, condicionadas pelo desenvolvimento orgânico e pelo conjunto de vivências por ela acumuladas, novas formações surgem no processo de desenvolvimento – que não existiam na etapa anterior –, que constituem o resultado de tudo o que ocorreu ao longo desse período de desenvolvimento e compõem, ao final de cada idade, uma nova situação social de desenvolvimento da criança. Sobre essa base, inicia-se o desenvolvimento de uma nova etapa, pois “[...] o desenvolvimento da criança, analisado do ponto de vista das relações da criança com o entorno, do ponto de vista da atividade fundamental em cada etapa, está vinculado estreitamente com a história do desenvolvimento da consciência infantil” (VYGOTSKY, 1996, p. 338).

Os estudos pioneiros do psicólogo suíço Jean Piaget alertam para o fato de a criança construir progressivamente sua moralidade. Portanto, na educação infantil, é complicado falarmos de indisciplina e violência, já que esses conceitos tratam, respectivamente, do desrespeito às regras e da intenção de prejudicar outro ser humano. As crianças atendidas pela Educação Infantil se inserem no mundo da moralidade e constroem, paulatinamente, as noções de certo e errado. Para Vygotsky (1998), “[...] a criança nasce em um meio cultural repleto de significações social e historicamente produzidas, definidas e codificadas, que são constantemente resinificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se, assim, em motores do desenvolvimento”.

Neste sentido, o desenvolvimento humano para ele se distancia da forma como é entendido por outras teorias psicológicas, por ser visto como um processo cultural que ocorre necessariamente mediado por um outro social, no contexto da própria cultura, forjando-se os processos psicológicos superiores, sendo a psique humana, nesta perspectiva, essencialmente social.

Para Packer (1994, p.273) “[...] brincar é uma atividade prática, na qual a criança constrói e transforma seu mundo, conjuntamente, renegociando e redefinindo a realidade [...] uma construção da realidade, a produção de um mundo e a transformação do tempo e do lugar em que ele pode acontecer.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC, 1998) estabeleceu a brincadeira como um de seus princípios norteadores, que a define como um direito da criança para desenvolver seu pensamento e capacidade de expressão, além de situá-la em sua cultura. Atividades de brincadeira na Educação Infantil são praticadas há muitos anos, entretanto, torna-se imprescindível que o professor distinga o que é brincadeira livre e o que é atividade pedagógica que envolve brincadeira.

Um primeiro aspecto a ser destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, estabelecidas pela Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE Nº 05, de 17 de dezembro de 2009, é a concepção de criança e de seu processo de desenvolvimento que deve orientar as propostas pedagógicas.

No Art. 4º, a criança, tida como centro do planejamento curricular, é compreendida como um sujeito histórico e de direitos, que, por meio das interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, assim como constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Esse processo de construção de sentido para o mundo físico e social ocorre através de diversos comportamentos; entre eles, destacam-se: brincar, imaginar, fantasiar, desejar, aprender, observar, experimentar, narrar, questionar.

Essa concepção sobre a criança e o modo como se desenvolve fortalece o lugar da instituição de Educação Infantil como um ambiente privilegiado de trocas e relações, onde as experiências particulares vividas no ambiente familiar podem ser ampliadas e enriquecidas pelas interações com outras crianças, com adultos e objetos que não fazem parte do cotidiano das crianças. A participação nesse novo ambiente vai também influenciar o desenvolvimento da própria identidade, sendo esse também um dos objetivos da educação infantil. Ao acentuar a condição da criança como sujeito de direitos, as Diretrizes chamam a atenção para a legitimidade da presença das crianças nas instituições de educação infantil pelos benefícios que essa experiência pode trazer para elas e não somente para que as necessidades de suas famílias sejam atendidas. Esse é um aspecto central e que a professora deve levar em consideração quando pensa nas interações que desenvolve com a criança nesse espaço.

A participação do homem como sujeito na sociedade e na cultura, na história se faz na medida de sua conscientização a qual implica a realidade de captar de maneira mítica e não crítica. Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procura desmitificar e questionar o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem

e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura, o

Professor procura criar condições para que juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada que possam perceber as contradições das sociedades e grupos em que vivem formando seres humanos. Para realizar a humanização que supõem a eliminação da opressão desumanizadora, é absolutamente necessário transcender as situações-limites nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisa (FREIRE,1974, 88).

Durante os processos, de transição, no entanto, pelos quais essas sociedades podem passar, e passarão em virtude de mudanças econômicas, o caráter estático na sociedade fechada dá lugar progressivamente a um dinamismo que se apresenta em todas as dimensões da vida social. As contradições emergem, provocando conflitos e os velhos modelos das sociedades fechadas já não são mais válidos, quando as massas se constituem em presenças histórica que surge. As etapas de transição dessas sociedades são caracterizadas por períodos históricos, que são os mais problematizados e os mais criativos.

De acordo com Rego (1997, p.71), “o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie.”

Nessa perspectiva, o indivíduo é considerado como um ser inserido em um contexto social, que por ele é influenciado, além de também exercer influência. Dessa forma, no contexto escolar o professor deve partir dos conhecimentos prévios dos alunos para assim mediar às próximas aprendizagens. O professor irá mediar para que a criança posteriormente consiga fazer sozinha o que atualmente faz com a ajuda de outrem.

Partindo do princípio de que a construção do conhecimento ocorre a partir do processo de interação entre as pessoas, Moll (2002) afirma que o professor está sempre presente no papel de mediador, apoiando as interações de aprendizagem sem pretender provocá-las diretamente nem controlar o aprendizado.

Assim, o professor não irá atuar nos conteúdos que a criança já consegue realizar sozinha. O professor atuará nos conteúdos que a criança, com a mediação do professor, terá a capacidade de desenvolver e se tornar algo que ela consiga realizar sozinha.

Rego (1997, p. 115 - 116), afirma que

[...] nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. A função que desempenha no contexto escolar é de extrema relevância já que é o elemento mediador das interações entre os alunos e os objetos de conhecimento. As demonstrações, explicações, justificativas, abstrações e questionamentos do professor são fundamentais no processo educativo. Isto não quer dizer que ele deva “dar sempre a resposta pronta”. Tão importante quanto seu fornecimento de informações e pistas, é a promoção de situações que incentivem a curiosidade das crianças que possibilitem a troca de informações entre os alunos e que permitam o aprendizado das fontes de acesso ao conhecimento.

Na abordagem teoria histórico-cultural, acreditamos que o professor exerce um papel de fundamental importância nos processos de aprendizagem. Os seres humanos estão em constante relação uns com os outros e nas situações escolares não é diferente. O professor é a pessoa que está em contato direto e frequente com os alunos e que irá mediar a aquisição de novos conhecimentos. Dessa forma, pensamos que a maneira como ocorre essa interação será determinante também no interesse dos alunos. Um professor que se mostra disponível, interessado, atencioso, desenvolve relações afetivas com seus alunos, respeita os limites, oferece apoio nas dificuldades e que demonstra gostar do que faz, estará colaborando para que os alunos se sintam acolhidos e capazes para produzirem e avançarem nos conhecimentos, além de fazer com que também gostem das situações vivenciadas no contexto escolar.

CAPÍTULO II

2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES NA ÓTICA DISCENTE SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Este capítulo vem abordar a prática pedagógica elaborado especificamente na perspectiva do aluno sobre os seus pontos positivos e negativos relacionadas ao tema do estudo em questão, a relação professor X aluno e o processo ensino aprendizagem. A temática nos leva a reflexão de eu a escola pode sim, por meio da ação pedagógica, motivar e sensibilizar tanto alunos, quanto professores a repensarem suas ações no ambiente escolar, otimizando o processo ensino aprendizagem. .

2.1 A ESCOLA INDÍGENA EBENEZER EM FILADELFIA: CONTEXTUALIZANDO O LÓCUS DA PESQUISA

A Escola Indígena Ebenezer localizada na Comunidade Indígena Tikuna de Filadélfia faz parte do contexto histórico da comunidade que surgiu na década de 1960. Nessa época a escola era do tipo improvisada, feita de palha, não tinha apoio do poder público para as questões educacionais, especialmente no que se refere à estrutura e aquisição de materiais pedagógicos para a escola e profissionais qualificados. O modelo de ensino era baseado na educação do colonizador.

As aulas não somente baseada na bíblia mas pelos missionários que basearam a educação com a bíblia, porque na época tinha somente um professor que auxiliava os missionário naquela escola de palha que tinha feito pelos missionários norte-americanos. Então essa escola que tinha feito com a palha era nome denominada uma igreja batista Ebenézer, que significa: o Senhor nos ajudou a chegar até aqui e por isso

estamos felizes. É por isso que a escola até os dias atuais tem esse nome, em homenagem a aquela igrejinha feita de palha pelos missionários na aldeia.

A partir de 1990 a comunidade de Filadélfia dá início as suas reivindicações por melhores condições de educação e de qualificação para seu povo. Com o aumento da demanda de alunos vindo das outras comunidades. Com o crescente número de alunos no ensino fundamental tornou-se necessária a construção de uma nova escola com melhor estrutura. Essa escola foi inaugurada no dia 04 de setembro de 1999. Há mais de 20 anos na convivência com indígenas Tikuna e acompanhando educandos dessa etnia nas escolas do município e na participação de eventos com os mesmo, para esta pesquisadora ficou evidente a preocupação e a luta pela melhoria das condições de educação na comunidade.

A escola Ebenezer surgiu a partir de 1968 que na época a escola era casa de criadora de uma galinha uma granja que o senhor Odácio construiu tinha feito na época. A partir de muitas lutas e muitas tentativas com a questão da política do município, a população e lideranças da comunidade e cacique conseguiu na época uma escola de madeira com duas salas de aula. O passar do tempo a escola foi quebrada e destruída e depois agente fomos estudar no OGPTB. E OGPTB cedeu com suas salas de aula como se tivesse pra nós.

No princípio a escola Ebenezer somente dava aula de 1ª a 4ª series, depois foi a implantação do ginásio com o senhor Sansão como diretor da escola e criaram o ginásio no OGPTB, dentro dessas dificuldade em 1999 no mandato do prefeito Amauri, criaram o prédio que é hoje a escola Ebenezer e foi construída com seis sala de aula e depois tem ampliação em 2004 com mais quatro sala de aula, então no momento tem dez salas no total com refeitório, cozinha, secretaria laboratório de informática, sala dos professores, três banheiros para os alunos e um banheiros para os professores.

Então tudo isso foi uma luta das lideranças da comunidade junto com o movimento indígena e com os primeiros caciques que é o senhor Soares Alfredo e Amilton Vasques, onde está também primeiro professor indígena Nino Fernandes na época. Então a partir desses movimentos tivemos essa educação atualmente na nossa comunidade.

Atualmente a escola Ebenezer ela trabalha com 31 professores formados em nível superior de cada áreas, em matemática, física, geografia, história, língua espanhola, língua ticuna e ciências, e temos professores pedagogo que são formados na área de pedagogia, a escola trabalhar com um secretário, uma gestora, três pedagogo

que componha a coordenação pedagógica, quatro merendeira quinze serviço gerais dois vigias matutino e dois vigias noturno, então com esse quadro que a escola Ebenezer trabalha hoje em 2017.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas nessa longa história de contato com colonizadores, em anos mais recentes os Tikuna conquistaram muitos benefícios em relação aos seus direitos nas leis oficiais do Brasil, através das reivindicações coletivas das lideranças indígenas e da força das comunidades.

A Escola indígena Ebenezer localizada na rua tima'ucu na comunidade Filadélfia na zona rural no município de Benjamin Constant, situado no alto Solimões onde circula em sua volta vários outras comunidade. Em relação ao seu funcionamento a escola trabalha atualmente com turmas de educação infantil e de 1º a 5º ao 9º ano do ensino fundamental, atendendo dois turnos o matutino e vespertino.

Dados de 1981 e 1984 estipulavam a população Tikuna em torno de 18 mil pessoas. O censo de 2010 estabeleceu o povo Tikuna como a maior etnia indígena brasileira, com aproximadamente 46 mil pessoas. Mas dados da FUNAI/Coordenação Regional do Alto Solimões indicam 62.681 Tikuna nessa região⁶, contando com os que moram na capital do estado do Amazonas. No município de Benjamin Constant, há uma população indígena de aproximadamente 9.803 habitantes, e na comunidade de Filadélfia reside um total de 1.051 pessoas indígenas.

De acordo com o mito de criação dos Tikuna e relatos do pesquisador João Pacheco de Oliveira Filho,

[...] os Ticuna são originários do Igarapé *Eware*, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (*Tonati*), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga (na fronteira) e São Paulo de Olivença. Ainda hoje é essa a área de mais forte concentração de Ticuna, onde estão localizadas 42 das 59 aldeias existentes, aí residindo mais de 12 mil índios.⁸ João Pacheco (1999, p. 24).

O povo Tikuna da comunidade de Filadélfia é resultante do traslado nessa região na qual foram se fixando na Terra Indígena de Santo Antônio, no município de Benjamin Constant, onde se formam também as comunidades indígenas de Porto Cordeirinho, Floresta e Bom Caminho. Essa área indígena é banhada pelo encontro dos rios Javari e Solimões ao norte. Relatórios de 1930-31 do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) apresentam fotos 9 das últimas malocas raramente encontradas em alguns poucos igarapés¹⁰. Tiradas do relatório do SPI de 1930. Com o passar dos tempos e por

influência das casas dos colonizadores, o modelo de moradia dos Tikuna sofre muitas modificações. BENDAZZOLI, 2011, p.46

Estas fotos fazem parte da mostra exibida no Museu Magüta, sob a responsabilidade do CGTT (Conselho Geral da Tribo Tikuna) em Benjamin Constant, Amazonas.

Ao longo do tempo a escola foi caracterizada como um espaço catequético, conseqüentemente punitivo (FREIRE, 2001), aparelho ideológico do Estado (WEIGEL, 2000). Atualmente, passa por diversas mudanças do ponto de vista jurídico no que se refere à construção de um currículo voltado para a afirmação da identidade cultural. O bilinguismo e a intercultural idade (CF/1988 e LDB-9394/96), ainda não alcançaram contingente significativo de pessoas nas aldeias sem acesso a uma educação diferenciada e de qualidade, que considere as peculiaridades de cada povo e de cada região. Na região do Alto Solimões são encontradas diversas etnias, entre as quais se destaca os Ticuna, com maior número de pessoas.

Figura 01 – Frente da Escola Ebenezer em Filadélfia



Fonte: Escola Municipal Indígena Ebenezer, 2018

2.2 OS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA EBENEZER: QUEM SÃO E DE ONDE VÊM?

Os alunos que estudam na escola são oriundos da própria comunidade indígena de Filadélfia, bem como de outras comunidades indígenas próximas como de Santo Antônio da etnia Cocama e de outros municípios vizinhos como Atalaia do Norte da

etnia Mayuruna e Marubo . Os alunos formam a diversidade de cultura na escola, bem como uma diversidade socioeconômico. Esses alunos são filhos de professores, agricultores, pescadores, agentes de saúdes.

A partir de 1990 a comunidade de Filadélfia dá início as suas reivindicações por melhores condições de educação e de qualificação para seu povo.

De acordo com o cacique (60 anos, entrevista, 2017) da comunidade

Com o aumento da demanda de alunos vindo das outras comunidades Cocama e não indígena, para frequentar a quarta série e não tendo condições de estudar na sede do município por questão financeira, os pais dos alunos se mobilizaram em protesto para a implantação do ginásio na década de 90, mas fracassaram por falta de apoio da administração pública municipal.

A criação da escola como uma instituição de ensino, foi reconhecida pelo decreto nº 031 de 08 de novembro de 1996, sancionado pelo então prefeito da época sem perspectivas do reconhecimento como uma escola indígena. Ela foi reconhecida como uma escola de categoria indígena a partir da aprovação da Resolução Federal nº 03/99, que fixou diretrizes para o funcionamento da escolas indígenas do país. A escola começou a atender todas as demandas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, ou seja, alunos indígenas.

Com o crescente número de alunos no ensino fundamental tornou-se necessária a construção de uma nova escola com melhor estrutura. Essa escola foi inaugurada no dia 04 de setembro de 1999. Há mais de 20 anos na convivência com indígenas Tikuna e acompanhando educandos dessa etnia nas escolas do município e na participação de eventos com os mesmos, para esta pesquisadora ficou evidente a preocupação e a luta pela melhoria das condições de educação na comunidade.

De acordo com a gestora da Escola municipal Ebenezer a escola possui uma quantidade equivalente a quatrocentos trinta e quatro alunos matriculado e a escola possui vinte turmas sendo dez turmas pela parte matutino e dez turma pela parte vespertino, e destacou também que possui 31 professores prestando serviço na área de educação, como a tabela indica.

Quadro 1 – Quadro demonstrativo da Escola Ebenezer

Cargo/função	Turno	Turno	Efetivo	Contratado	Total
---------------------	--------------	--------------	----------------	-------------------	--------------

	matutino	vespertino			geral
Professor(a)	15	12	20	1	27
Alunos	227	207			434
Pedagoga	02	01			03
Gestora	01				01
Vigias	1(matutino e vespertino)	2 (noturno)	01	03	04
Turmas	10	10			20
Total geral					489

Fonte: Pesquisa de Campo, Secretaria da Escola Indígena Ebenezer, 2017.

Em 1980, a educação indígena sofreu algumas alterações, pautadas nas leis nacionais que regem o sistema educacional brasileiro, principalmente no que diz respeito à oferta de ensino fundamental e à organização da educação escolar indígena, direitos adquiridos que vem aumentando a demanda de indígenas nas escolas. No Amazonas esses índices cresceram consideravelmente a partir de 1990, com a criação de várias escolas indígenas.

No Estado do Amazonas, os dados oficiais, a partir do final de 1990, apresentam um crescimento quantitativo de indígenas matriculados nas escolas do sistema público. Em 1998, a matrícula era equivalente a 13.098 alunos indígenas, distribuídos em 263 escolas indígenas, com 761 professores índios na prática docente. Em 2002, o Estado contava com 27.960 estudantes indígenas, 488 escolas indígenas e 1.293 professores.

2.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS RELAÇÕES PROFESSOR X ALUNO: PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar neste artigo é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

As relações que permeiam o bom andamento do processo de ensinar e aprender, no contexto escolar, vão além do simplesmente “passar” o conteúdo e do “adquirir” de forma passiva tais conhecimentos.

É difícil dicotomizar a imagem de um bom professor como pessoa e como profissional. Para os alunos, as duas coisas se entrelaçam. Com isso, estamos dizendo que dificilmente um aluno apontaria um professor como bom, ou o melhor de um curso, sem que este tenha condições básicas de conhecimento de sua matéria de ensino (CUNHA,1995 p.48).

A interação professor-alunos é um aspecto fundamental da organização da situação didática, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente e a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva. Atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe etc.) (LIBÂNEO,1994, p. 249).

O trabalho pedagógico do professor deve considerar sua relação com o aluno, a qual possibilita uma aprendizagem mais harmônica e eficaz levando em conta que esta relação é um passo importante para o diálogo dentro da sala de aula e, a escola, como instituição educativa, deve oferecer condições para que o diálogo seja uma base comum para o bom andamento do ensino, objetivando o ensinar e o aprender (LOPES, 1996).

[...] Cabe ao professor o desafio de transformar sua prática pedagógica de modo a garantir um espaço de interação em que haja a possibilidade de participação e troca de todos os alunos, sem privilegiar apenas aqueles que destacam nas iniciativas ou verbalizações. É fundamental nessa interação que o professor assuma ao papel de interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos [...] (LOPES, 1996, p. 111).

Acreditamos que a partir do momento que o aluno tem uma boa relação com o professor, ele terá vínculos também com disciplina. Em muitos casos, o aluno desenvolve ódio pela matéria, em virtude das atitudes que o docente tem ou deixa de ter em sala de aula. Desse modo, os alunos irão atribuir significados negativos, por exemplo, deduzir que o professor “não se interessa por nós”, que a matéria é “inútil e enfadonha”, que não “vale o esforço”, e que a própria pessoa “não tem valor.

O docente, na sua profissão, sempre encontrará vários obstáculos para que sua ação se torne eficaz, porém não é impossível desenvolver um trabalho bom para com os alunos. A relação professor-aluno, que estamos discutindo nesse capítulo, é aquela em que professores e alunos possam se comunicar e respeitar um ao outro em suas diferenças e opiniões. Não devemos confundir a temática abordada com afetividade materna, pois o termo relação é muito amplo e deve-se tomar cuidado com a forma como refletimos sobre a relação professor e aluno, pois está se dá no meio profissional e pode fazer do trabalho educativo um ambiente de paz para o desenvolvimento dos conhecimentos. O papel do professor é destacado por Garrido (2006):

[...] o papel de mediador do professor assume diferentes aspectos. É coordenador e problematizado nos momentos de diálogo em que os alunos organizam e tentam justificar suas ideias. Aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhança ou diferenças entre a cultura “espontânea e informal do aluno, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro, favorecendo o processo interior de ressignificação e retificação conceitual. Explicita os processos e procedimentos de construção do conhecimento em sala de aula, tornando-os menos misteriosos e mais compressíveis para os alunos. Ao fazer os alunos pensarem, ao invés de pensar por eles, o professor está favorecendo autonomia intelectual do aluno [...] (GARRIDO, 2006, p. 130).

O trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor supõe um caminho que ele deve percorrer para alcançar os objetivos propostos no processo de aprendizagem dos alunos. Um bom professor procurará a melhor forma de chegar ao aprendizado de seus alunos elaborando aulas diferenciadas, revendo metodologias utilizadas que não deram certo ou criando outras, para que seus alunos tenham uma escolarização de qualidade.

O professor deve tentar, de várias maneiras, dar uma aula que proporcione aos alunos um empenho nas matérias ofertadas criando assim um interesse maior pelos assuntos abordados. Cabe ao docente planejar aulas que motivem a aprendizagem, como, por exemplo: criar situações de atividades em campo, usar recursos diferenciados, e, conhecendo os níveis de aprendizado de seus alunos tentar fazer com que suas explicações sobre determinado conteúdo sejam as mais claras possíveis, procurando chamar a atenção dos aprendizes, buscando a participação e curiosidade pela discussão proposta.

Em outras palavras, o modo de agir do professor em sala de aula estabelece um tipo de relação com os alunos que colabora (ou não) para o envolvimento buscado pela escola. Nesta relação professor e alunos desempenham papéis diferenciados e, ainda em nossos dias cabe ao primeiro, conforme vimos, tomar maior parte das iniciativas (MASETTO,1994, p. 56).

O trabalho pedagógico do professor deve considerar sua relação com o aluno, a qual possibilita uma aprendizagem mais harmônica e eficaz levando em conta que esta relação é um passo importante para o diálogo dentro da sala de aula e, a escola, como instituição educativa, deve oferecer condições para que o diálogo seja uma base comum para o bom andamento do ensino, objetivando o ensinar e o aprender (LOPES, 1996).

[...] Cabe ao professor o desafio de transformar sua prática pedagógica de modo a garantir um espaço de interação em que haja a possibilidade de participação e troca de todos os alunos, sem privilegiar apenas aqueles que destacam nas iniciativas ou verbalizações. É fundamental nessa interação que o professor assuma ao papel de interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos [...] (LOPES, 1996, p. 111).

Acreditamos que a partir do momento que o aluno tem uma boa relação com o professor, ele terá vínculos também com disciplina. Em muitos casos, o aluno desenvolve ódio pela matéria, em virtude das atitudes que o docente tem ou deixa de ter em sala de aula. Desse modo, os alunos irão atribuir significados negativos, por exemplo, deduzir que o professor não se interessa por nós, que a matéria é inútil e enfadonha, que não vale o esforço, e que a própria pessoa não tem valor.

O docente, na sua profissão, sempre encontrará vários obstáculos para que sua ação se torne eficaz, porém não é impossível desenvolver um trabalho bom para com os alunos. A relação professor-aluno, que estamos discutindo nesse capítulo, é aquela em que professores alunos possam se comunicar e respeitar um ao outro em suas diferenças e opiniões. Não devemos confundir a temática abordada com afetividade materna, pois o termo relação é muito amplo e deve-se tomar cuidado com a forma como refletimos sobre a relação professor e aluno, pois está se dá no meio profissional e pode fazer do trabalho educativo um ambiente de paz para o desenvolvimento dos conhecimentos. O papel do professor é destacado por Garrido (2006):

[...] o papel de mediador do professor assume diferentes aspectos. É coordenador e problematizado nos momentos de diálogo em que os alunos organizam e tentam justificar suas ideias. Aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhança ou diferenças entre a cultura “espontânea e informal do aluno, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro, favorecendo o processo interior de ressignificação e retificação conceitual. Explicita os processos e procedimentos de construção do conhecimento em sala de aula, tornando- os menos misteriosos e mais compressíveis para os alunos. Ao fazer os alunos pensarem, ao invés de pensar por eles, o professor está favorecendo autonomia intelectual do aluno [...] (GARRIDO, 2006, p. 130).

O trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor supõe um caminho que ele deve percorrer para alcançar os objetivos propostos no processo de aprendizagem dos alunos. Um bom professor procurará a melhor forma de chegar ao aprendizado de seus alunos elaborando aulas diferenciadas, revendo metodologias utilizados que não deram certo ou criando outros, para que seus alunos tenham uma escolarização de qualidade.

O professor deve tentar, de várias maneiras, dar uma aula que proporcione aos alunos um empenho nas matérias ofertadas criando assim um interesse maior pelos assuntos abordados. Cabe ao docente planejar aulas que motivem a aprendizagem, como, por exemplo: criar situações de atividades em campo, usar recursos diferenciados, e, conhecendo os níveis de aprendizado de seus alunos tentar fazer com que suas explicações sobre determinado conteúdo sejam as mais claras possíveis, procurando chamar a atenção dos aprendizes, buscando a participação e curiosidade pela discussão proposta.

Em outras palavras, o modo de agir do professor em sala de aula estabelece um tipo de relação com os alunos que colabora (ou não) para o envolvimento buscado pela escola. Nesta relação professor e alunos desempenham papéis diferenciados e, ainda em nossos dias cabe ao primeiro, conforme vimos, tomar maior parte das iniciativas (MASETTO,1994, p. 56).

A partir da observação e entrevistas realizadas neste estudo, foi possível perceber a presença da afetividade positiva tanto nas relações entre professor e aluno, como na prática pedagógica assumida pelos docentes, expressa nas seguintes posturas: no planejamento da disciplina, levando em consideração os limites e possibilidades dos alunos; na escolha dos procedimentos de ensino, ao buscar a melhor forma de explicar o conteúdo; na avaliação, acompanhando o aluno de todo processo de ensino e

aprendizagem; no compartilhamento das responsabilidades que as situações pedagógicas exigem.

Estabelecer uma relação de afetividade positiva entre professor e aluno é um aspecto importante que deve estar presente no contexto da sala de aula, uma vez que, como diz Wallon (1986 *apud* NASCIMENTO, 2004), as dimensões cognitivas e afetivas perpassam-se e influenciam de forma inseparável toda e qualquer atividade humana.

Tomando por base essas noções walonianas, percebeu-se que, de modo geral, nas, as relações entre professor-aluno são marcadas por uma afetividade positiva, ou seja, por sentimentos de prazer, de satisfação e bem-estar. Essas relações não são apenas vivenciadas tête-à-tête com o aluno, mas se mostram a partir das decisões que o professor assume antes mesmo de entrar em sala de aula, como é o caso, por exemplo, da elaboração do planejamento da disciplina (LEITE, 2006).

Ao analisarmos a postura do professor em sala de aula e a experiência de aprendizagem do aluno, entendemos, nesta pesquisa, que o professor exerce um importante papel de mediação, que poderá favorecer ou não à construção do conhecimento pelo aluno.

Essa postura do professor na sala de aula parece afetar diretamente na experiência de aprendizagem do aluno; seja de maneira positiva ou negativa. Como lembra Leite (2006, p. 26), "A natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva), nos seus extremos depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto.", sendo está favorecida pela história de relação do professor com o seu objeto de ensino e pelo investimento que realiza na mediação entre aluno e este objeto através da postura que assume em sala de aula.

No que se refere a esta postura do professor em sala de aula, percebeu-se nas sessões de observação, que os professores investigados, de modo geral, procuravam criar um clima de respeito entre eles e os alunos; demonstrando interesse com suas aprendizagens e buscando ouvi-los, de modo a valorizar os conhecimentos e vivências trazidas por eles, e também os mobilizando para as leituras dos textos sugeridos.

Relações interpessoais positivas entre professor e aluno são fundamentais no processo de aprendizagem. Ambos trocam conhecimento, trocam impressões de realidades, trocam informações e acabam crescendo com isto. Muitas vezes o professor não consegue ter uma boa relação com a turma por pensar que demonstrar afetividade e "manter a disciplina" são atos incompatíveis.

Estabelecer vínculos afetivos, de forma que não comprometam e não modifiquem a postura e a ética profissional é fundamental para o bom funcionamento do trabalho e para que o processo de aprendizagem aconteça de forma prazerosa para o professor e para os alunos. Para Freire (1996, p. 103):

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. Ensinar é trocar informações, é contribuir para a reconstrução de conhecimentos dos alunos e, principalmente, para que cresçam como pessoas.

A primeira relação que deve ser estabelecida em uma sala de aula é a de respeito e este se manifesta quando há um ambiente de trocas, onde cada um tem o seu espaço. Muitos professores ainda apresentam uma postura muito tradicional, e passam para os alunos a imagem de ser o centro do poder, e que eles são apenas coadjuvantes no processo da aprendizagem. Esses professores pensam que ensinar significa apenas “passar” conhecimentos, sendo assim, eles acabam tendo dificuldades em lidar com os alunos. Para Freire (1996, p. 104): “A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se.”

O estabelecimento de uma boa relação faz com que o professor adquira um grau de intimidade maior, tendo a liberdade para cobrar mais de seu aluno sem ser visto como um professor chato que persegue os estudantes. Os alunos, ao sentirem esse carinho e confiança que foram depositados pelo professor, se esforçarão para não decepcioná-lo.

Estabelecer boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes para o aluno, ele precisa sentir-se a vontade com o professor, e isso irá facilitar a construção dos conhecimentos com, relação aos conteúdos trabalhados.

O professor, dentro da sala de aula deve sempre primar por um bom relacionamento entre os alunos. As relações interpessoais passam por uma expressão de amor que deve estar baseada no equilíbrio e na compreensão, onde o papel do professor é atender seus alunos com manifestações de afeto sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem neste grupo. Os

alunos precisam ter seus espaços, pois é também na escola que eles aprendem a defender seus argumentos e firmar suas posições.

Alguns professores precisam aprender a ouvir os alunos e juntos buscarem uma solução para que os problemas que ocorrem quotidianamente sejam resolvidos de forma tranquila.

Mosquera e Stobäus (2004, p. 97) dizem que:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade.

O diálogo é a estrada necessária para se chegar ao aluno, pois só mostrando boa vontade, de entendê-lo e respeitá-lo como pessoa humana, se é capaz, de notar a verdadeira identidade do aluno, atrás de sua máscara diária no qual esconde os seus problemas, ansiedades e preocupações, pois o adolescente procura demonstrar, através de palavras e gestos o que sente e o que necessita naquele momento. Cabe ao professor ajudar o aluno neste processo de crescimento e reconstrução de identidade para se auto afirmar como ser humano adulto.

Cada aluno tem a sua personalidade, e este fator deve ser levado em consideração. Não podemos trabalhar com uma turma sem saber lidar com as diferenças de cada indivíduo. Segundo Grillo (2004, p. 79) “Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida”.

CAPÍTULO III

3 AS PERSPECTIVAS DISCENTES SOBRE A BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR X ALUNO NA ESCOLA INDIGENA

3.1 QUEREMOS QUE MELHORE O ENSINO DO PROFESSOR!

Os alunos da escola municipal indígena Ebenezer querem melhorar o ensino do professor na sala de aula, para que os alunos tenham garantidos o seu conhecimento no processo de ensino de aprendizagem.

Atualmente inúmeros estudos têm focalizado aspectos relacionados ao comportamento de alguns professores e a formação dos alunos estabelecida através de uma ligação contínua, estreita em sala de aula. Uma vez que os docentes tem o poder de tomar decisões e influenciar os alunos diretamente e indiretamente. E muitas vezes são vistos como emissor da informação, organizador de atividade e realimentado por excelência do sistema educacional.

A qualidade do ensino reflete diretamente no envolvimento do aluno com a aprendizagem. De acordo com a atuação em sala de aula há um tipo de organização do espaço pedagógico, de interação cognitiva e afetiva, de referência de estrutura de aprendizagem (COLL, 1997). Bordenave e Pereira (2002) ressalta a importância das

estratégias de ensino do professor para que o aluno tenha diversas formas de interação e construa o conhecimento de acordo com suas experiências individuais para interpretar as informações, experiências subjetivas, conhecimentos prévios.

Behrens (2009) considera fundamental professores capacitados na sociedade globalizada onde o conhecimento torna-se rapidamente obsoleto; exigindo habilidades eficazes para processar as informações relevantes, organizá-las e utilizá-las de maneira coerente e assertiva. A autora esclarece que um dos grandes desafios do professor está em construir e reconstruir os caminhos da emoção, sensibilidade, valores como a paz, solidariedade, coletividade visando a formação de seres humanos éticos para viverem em uma sociedade verdadeiramente humana. Ao conceber a responsabilidade de se dedicar a formação de cidadãos emancipados, a escolha das estratégias de ensino e as concepções que estão subjacentes a estas são fundamentais.

Bordenave e Pereira (2002) explica que para ensinar precisamos ao mesmo tempo planejar, orientar e controlar a aprendizagem do aluno. As estratégias de ensino necessitam estimular diversas capacidades do sujeito. O aluno precisa liderar atividades grupais distribuindo responsabilidades. Expor trabalhos e executar tarefas com roteiro podem ser algumas alternativas importantes desenvolvidas pelo docente para que o aluno aprenda com significado.

Brophy (1986) esclarece que é preciso considerar as particularidades próprias dos anos escolares iniciais e mais avançados. Nos anos iniciais de escolarização o professor deve trabalhar com pequenos grupos e os alunos precisam experimentar de forma concreta o que aprendem. Nos anos mais avançados, as explicações dos professores são longas e apresentam conteúdos mais complexos. É preciso que as perguntas sejam feitas de forma clara e objetiva as explicações podem ser dadas de maneira global. Os alunos observam os valores que o professor atribui as respostas.

O professor deve observar a interação nos pequenos grupos circulando pela classe. Considerar as realizações dos alunos, intervir quando necessário, verbalizar palavras que responsabilizam o próprio aluno por seus trabalhos, apresentar alternativas de atividades para os mais rápidos. Os deveres de casa são oportunidades para exercitar os conteúdos dados em sala. Devem ser variados e interessantes (desafiadores) contribuindo para que a aprendizagem seja significativa. Auxiliar os alunos a definir metas, avaliar o próprio progresso, não estabelecer comparações entre alunos (notas). Encorajar os alunos a fazer escolhas, trabalhar em grupo, sentir-se responsável por seu processo de aprendizagem a fim de que se sintam competentes para realizar as tarefas.

Elogiar e recompensar os estudantes ao atingirem níveis de desempenho baseados em padrões de melhoria, valorizar o aprendizado atribuindo importância à utilização dos incentivos extrínsecos para aprender.

E preciso que o professor apresente atividades desafiadoras aos alunos. Tarefas que possuam partes relativamente fáceis para todos e partes mais difíceis com reais oportunidades de acertos, verbalizações que expressem crenças na importância de se realizar determinada tarefa, atividades diversificadas aos alunos que terminam logo, permitir escolhas e respeitar o ritmo de cada criança, alternar atividades individuais e grupais fornecendo apoio.

Nesse sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdo, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos nossos alunos. Logo, a relação que traçamos entre nós e os discentes depende fundamentalmente da afetividade, confiança, empatia e respeito entre ambas as partes para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem.

Como Siqueira (2005, p.01),” afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor”. Assim situações diferenciadas que formamos com determinado aluno, como por exemplo melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação, norteadas as vezes pelo fator amizade ou empatia, não deveria existir nas atitudes de um formador de opiniões.

Segundo Freire (1996, p.96) “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto falar, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”. Sua aula se torna um desafio para manter aluno em sintonia com o que está mediando na sala de aula. Logo não podemos pensar que a construção do conhecimento é individual e sim uma via dupla, onde o professor em sala de aula é um intermediário entre conteúdo da aprendizagem e discente.

Considerando que a tarefa do professor tem como característica ser um trabalho interativo, a dificuldade de trabalhar com os saberes formalizados sugere assim contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente e formação de professores. Frigotto (1991) discute a necessidade de que a reorganização dos cursos de formação seja pensada num contexto de transformação de todo o sistema escolar, para que tais cursos não tenham que se converter, simplesmente em um espaço de compensação de difícil deixados por uma diferente educação.

Dessa forma,

A aprendizagem dos professores não começando primeiro dia de sua formação como professor Começa em sua infância, no lar e quando esse futuro professor vai à escola. O mau sistema escolar forma não só maus alunos, como maus professores que, por sua vez, reproduzirão o círculo vicioso e empobrecerão cada vez mais a educação (FRIGOTTO, 1991, p.131).

3.2 AS BRINCADEIRAS NA PERSPECTIVA DA BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR X ALUNO

Durante a observação, percebeu-se que as crianças gostavam de brincavam muito dentro da sala de aula. Então os jogos lúdicos de matemática foram os mais perceptíveis. O brincar faz parte do processo de aprendizagem de todo ser humano, começando na infância e podendo se estender a alguns momentos da fase adulta. A brincadeira pode inserir-se como um objeto do conhecimento da aprendizagem, possibilitando um conhecimento mais sólido e permanente ao aprendiz. Por isso, o brincar na sala de aula é extremamente relevante para a aquisição da aprendizagem.

Desde que nascemos, aprendemos as regras da vida brincando. Quando a mãe vai dar sopinha ao filho, faz aviãozinho, trenzinho, enfim, promove uma brincadeira para que a criança aprenda e queira se alimentar. Aprendemos a contar brincando, contando com nossos pais: “um, dois. Essas experiências passam a ser fonte de aprendizado e estímulo para outras buscas de conhecimento, porque a criança começa desde muito cedo a mergulhar no universo da brincadeira, da fantasia e do faz de conta.

O professor, como principal responsável pela organização das situações de aprendizagem, deve saber o valor da brincadeira para o desenvolvimento do aluno. Cabe a ele oferecer um espaço que mescle brincadeira com as aulas cotidianas, um ambiente favorável à aprendizagem escolar e que proporcione alegria, prazer, movimento e solidariedade no ato de brincar.

O educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece espontaneamente, mas sim planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar. Dessa maneira, poderão elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (RCNEI, 1998, p. 29).

O professor, como mediador da aprendizagem, deve fazer uso de novas metodologias, procurando sempre incluir na sua prática as brincadeiras, pois seu objetivo é formar educandos atuantes, reflexivos, participativos, autônomos, críticos, dinâmicos e capazes de enfrentar desafios.

Das pesquisas de Rizzi e Haydt (*apud* SILVA; SOUSA, 2010, p. 1) foi levada para o homem primitivo a denominação *Homo ludens* indicando a sua capacidade de dedicar-se ao lúdico.

Primeiramente, a criança participava de igual para igual com os adultos do mundo do trabalho e não havia muito tempo para ser utilizado com brincadeiras. A sua posição estava relativamente firmada por não haver diferenciação no papel desempenhado pela criança e pelo adulto na sociedade.

A natureza dos jogos infantis só se pode compreender pela correlação existente entre eles e a vida da criança na sociedade [...]; os povos viveram e vivem em diferentes condições de acordo com o nível de desenvolvimento social, e tais condições [...] repercutem na vida das crianças na sociedade, no lugar que ocupam entre os adultos e, por essa razão, no caráter de seus jogos (*apud* LAZARETTI, 2011, p. 5).

Esta breve análise histórica da brincadeira é significativa para o professor, pois permite que ele compreenda a importância e a influência do brincar para as crianças de todos os tempos. Permite também conhecer como a brincadeira acabou sendo disseminada entre os povos.

As brincadeiras presentes na cultura brasileira, por exemplo, foram configuradas a partir das brincadeiras trazidas pelos povos que participaram da formação da nossa identidade nacional. Alves (2003), citando Kishimoto, discorre sobre a influência portuguesa: os jogos tradicionais recebem forte influência do folclore, [...] os contos, lendas e histórias que alimentavam o imaginário português se fizeram presentes em brincadeiras e brinquedos brasileiros. Personagens como a *mula-sem-cabeça*, a *cuca* e o *bicho-papão*, trazidos pelos portugueses, foram incorporados em brincadeiras que vão desde a *bola de gude* até o *pique* ou *pega-pega* (ALVES, 2003, p. 5).

São consideráveis as contribuições da cultura africana, por meio dos negros (que foram trazidos como escravos) e dos indígenas. Assim, a brincadeira hoje constitui capital histórico com potencial evolutivo que o professor não pode deixar relegado em sua sala de aula.

O reconhecimento do valor educativo do brincar é de domínio público; é indispensável para a aprendizagem da criança. Diante disso, os professores devem inserir a brincadeira no universo escolar, reconhecendo-a como uma via para se aproximar da criança, com o objetivo de ensinar brincando.

Criança e brincadeira fazem uma combinação perfeita. É quase impossível imaginar uma criança que não goste de brincar, que não se deixa envolver pela imaginação. Por isso, o brincar consente pensar num ensino e numa aprendizagem mais envolventes e mais próximos do real, pois leva a fazer uma ligação entre a realidade e a fantasia. Por isso, é vital reconhecer a brincadeira como uma estratégia a mais na sala de aula; devemos, pois, sempre tomá-la como mais um instrumento pedagógico, já que sabemos que a brincadeira desenvolve os aspectos físicos e sensoriais, além do desenvolvimento emocional, social e da personalidade da criança.

Como disse Carlos Drummond de Andrade (*apud* FORTUNA, 2000, p. 1): brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

O professor precisa ter claro esse conceito para que possa articular o lúdico com as situações de aprendizagem. Um primeiro passo é adequar o tipo de atividade ao conteúdo, tempo de aula e características da turma. Ele pode “lançar mão” da brincadeira, priorizando o aspecto da espontaneidade, ou o jogo com regras. Tudo depende dos objetivos estabelecidos. O professor precisa ter cuidado para não “ficar preso” demais aos objetivos pedagógicos. Isso pode resultar numa condução excessiva da brincadeira, na inibição da criatividade e da liberdade da criança e, por fim, na descaracterização o elemento lúdico empregado.

As brincadeiras a serem desenvolvidas com crianças precisam estar de acordo com a zona de desenvolvimento em que elas se encontram. Isso possibilita maior eficácia na construção da aprendizagem. Uma brincadeira ou um jogo raramente são praticados individualmente, e é nessa troca presente na situação de brincar que se promove o crescimento.

Para conseguir transpor barreiras conceituais e inserir a brincadeira nas aulas, Freud (*apud* FORTUNA, 2000, p. 8) sugere ao educador reconciliar-se com a criança que existe dentro de si, “não para ser novamente criança, mas para compreendê-la e, a partir disso, interagir,

em uma perspectiva criativa e produtiva, com seus alunos. [...] Não é necessário ‘ser criança’ para usufruir o brincar, pois sua herança – a criatividade – subsiste na vida adulta”.

Como formar educadores capazes de cultivar o brincar em suas aulas, formação do educador capaz de jogar passa pela vivência de situações lúdicas, pela observação do brincar, pelo entendimento do significado e dos efeitos da brincadeira no estudante, por conhecimentos teóricos sobre desenvolvimento da aprendizagem nos seres humanos. Uma boa formação do professor e boas condições de atuação são os facilitadores para que se resgate o espaço de brincar da criança no dia a dia da escola. Isso não é tão fácil como muitos imaginam, pois para conseguir entrar e participar do mundo lúdico da criança é necessário que o educador tenha conhecimentos, prática e vontade de ser parceiro da criança nesse processo.

3.3 O PROFISSIONAL DOCENTE NA VISÃO DOS ALUNOS

O profissional docente na visão do aluno, é aquele que tem o seu caráter de ensinar os alunos com um ensino de qualidade na sala de aula. Para que os sujeitos tenham essa visão que o docente realmente é um profissional, que ensina uma aprendizagem melhor para seu aluno no processo educativo.

Na visão dos alunos a valorização docente é um dos caminhos para atrair os jovens para a docência veria ser na realidade a profissão mais valorizada. Portanto, o meio de condições de trabalho que contribuam para a sua profissão como sala com menos alunos, condições físicas nas escolas, além de profissionais capacitados para lidar com todos aluno

Na realidade o que encontramos em muitas escolas são profissionais desgastados, desmotivados, entre outros. Essas situações tem que tomar suas providencias do seu trabalho como professor e isso, ele leva para a sala de aula e consequentemente suas aulas vão refletir o seu estado emocional com seu aluno. Muitas vezes, acontece inúmeras vezes em nossas escolas, podem resultar na imagem que os alunos têm sobre a docência, que é trabalha demais, estresse, cansaço, baixa remuneração, entre outras.

No contexto atual a profissão de professor não é vista com bons olhos pelos estudantes, devido principalmente a desvalorização deste profissional. Entretanto alguns estudos tem evidenciado que essa desvalorização é consequência dos processos

históricos da área educacional no Brasil. A forma como temos formado professores em nosso país é um dos fatores contribuintes para a desvalorização da mesma e as pesquisas tem buscado modificar esse quadro, para tanto é necessário conhecer os motivos que levaram a repensar a imagem do professor.

A formação e o trabalho docente é uma questão importante uma vez que o mesmo deve estar consciente que sua formação deve ser contínua e está relacionada ao seu dia-a-dia. O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”. Para este estudioso a formação continuada se dar de maneira coletiva e depende de experiência, reflexões como instrumentos de análise.

Devemos repensar como caracterizar o profissional da educação e valorizá-lo pelo trabalho que é desenvolvido com a maioria dos seres humanos em diversas realidades mundiais, é fundamental para o avanço da profissão que os jovens que estão em sua fase de decisão na carreira profissional, optem pela docência por se identificarem com a mesma e não por ser sua última opção.

O docente não pode se privar de estudar, grande são os desafios que o profissional enfrenta, mas manter-se atualizado e desenvolver prática pedagógica é indispensável para que haja maior mobilização na formação de professores, é necessário criar condições favoráveis tanto na formação continuada quanto na valorização do mesmo.

Historicamente, os docentes viveram um processo de deterioração da profissão que deixou estigmas enraizados na imagem do professor. Esses estigmas são utilizados pela mídia constantemente e têm um grande poder de influência, fazendo com que a identidade dos professores esteja cada vez mais desconstruída e desvalorizada. (BASTOS, 2012, p. 164).

Em todos os processos de ensino o professor esta educando o aluno, desde o conhecimento científico até ao conhecimento crítico. Todo esse conjunto de trabalho do professor e do aluno auxiliam no processo de construção do conhecimento e de habilidades de acordo com as experiências vivenciadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem na escola (LIBÂNEO, 2013).

Segundo Reali e Mizukami (2007) são competências do professor a organização da aprendizagem e o ensino ao aluno. Para Lüdke e Boing (2004) a relação dos conhecimentos oferecidos pelas universidades com as exigências da prática escolar,

pois em seu estudo ele entrevistou professores recém-formados que apontaram o confronto da formação recebida com a realidade encontrada nas escolas, deste modo dificultando a formação profissional. A dicotomia existente entre a formação e a experiência, acontece devido a serem tratados isoladamente, como se uma não precisasse da outra.

A formação continuada é uma exigência para os tempos atuais. Desse modo, pode-se afirmar que a formação docente acontece em continuum, iniciada com a escolarização básica, que de pois se complementa nos cursos de formação inicial, com instrumentalização do professor para agir na prática social, para atuar no mundo e no mercado de trabalho.

O professor tem que utilizar novas metodologias, usar o celular e a internet como seu aliado e não seu inimigo, ensinar os jovens que o celular pode ser um fonte de saber. Mas para que isso ocorra é primordial qualificar o professor e fornecer subsídios para que ele possa estudar. No intuito de tornar as licenciaturas acessíveis nos anos 2000 o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) implementou o inciso quarto do artigo 47 da Lei de Diretrizes e Bases de Educação (DINIZ-PEREIRA, 2006), que diz:

As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária (PARECER CNE/CP 28/2001, p. 31, 2002).

Os aspectos levantados pelos alunos vão ao encontro do que a sociedade espera que a escola faça, pois para muitos professores atuantes a sua função é a construção do conhecimento do aluno, a construção do aluno como cidadão ou ambas juntas (BAPTISTA, 2008).

Estas concepções estão relacionadas com a trajetória do professor, a partir da sua formação até a experiência docente. São a partir dos referenciais pessoais, de valores, crenças e do próprio conhecimento adquirido ao longo da vida que auxilia na formação da imagem do professor (MIZUKAMI, 2007).

Para o professor recém-saído da licenciatura é difícil se identificar com a docência, devido às imagens negativas que a sociedade impõe a profissão, nesse sentido à formação inicial deve promover o encontro das dificuldades da profissão aos futuros professores (GUIMARÃES, 2010). Para Alves-Mazzotti (2007) são essas associações

que mistificam a profissão docente, e que a degradação dos laços familiares, a violência contra o professor, com as incertezas da profissão leva a muitos jovens a desistirem da carreira docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter realizado a pesquisa foi uma experiência ímpar em minha formação profissional como indígena. Foi uma oportunidade de relacionar a teoria e prática da educação escolar indígena, frente aos inúmeros desafios que se estabelecem no contexto da realidade escolar.

Agregou a experiência de atender a exigência de que para ser professor é preciso ser também ser pesquisador nas palavras de Freire. Com isso, quero dizer que serviu para aprofundar meus conhecimentos e ampliar a visão acerca da educação escolar indígena e da importância de que professores e alunos estabeleçam uma relação de parceria, cumplicidade na perspectiva da qualidade dos processos ensinos e aprendizagens.

Conclui-se que para ocorrer um processo de ensino e aprendizagem de maneira satisfatória, não é muito fácil, já que tal processo depende de fatores importantes como a relação que ocorre dentro de sala de aula entre professor e aluno.

As metodologias do professor, precisam ser inovadas e dinâmica, bem como de investimento na qualificação profissional, principalmente em serviço, para que o professor tenha condições de ser mais criativo e de conduzir os alunos ao sucesso escolar.

É importante compreender que tanto os educadores quanto os educandos são os elementos fundamentais no processo de ensino aprendizagem, e para que ele aconteça de forma satisfatória é necessário que haja entre ambos uma relação de amizade e confiança, pois para que os conteúdos utilizados pelo professor consigam fazer parte do interesse dos alunos é preciso que esta relação tenha a segurança que se necessita para que ocorra a aprendizagem, chegando-se assim a um passo importante nesse processo.

A verdade é que muitas vezes o professor tem que adotar o sistema o qual a escola trabalha, utilizando-se de métodos completamente ultrapassados, sem base e sem fundamentações pedagógicas que atendam e supra as necessidades dos nossos alunos.

Percebeu-se que as escolas não tem apoio acerca de orientação pedagógica nem por parte da escola, tampouco por parte do governo, apesar da escola afirmar que dá suporte preparatório aos seus profissionais, que a escola tem um rendimento satisfatório no desenvolvimento educacional dos alunos.

É importante frisar que os alunos desenvolvem uma percepção importante sobre a relação dos professores com eles que podem ser parâmetros de mudanças significativas no processo educativo de qualidade e de sucesso escolar. Os alunos dão sinais de como eles aprendem e de como os estudos na escola podem ser mais interessantes para eles principalmente como indígenas.

Seus costumes, tradições, culturas, apesar de na escola se ter professores indígenas, são negligenciados no currículo escolar, são silenciados, ocultos. Isso se dá pela reprodução do currículo escolar comum, ou seja, da educação dominante, que acaba sendo a única forma de conhecimento de trabalho pelo professor indígena.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. P. **A história dos jogos e a constituição da cultura lúdica**. Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-60, jan./jun. 2003.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 15, n. 57, p. 579-594, 2007.

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. 4ª Ed- Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRITO, S. H. A. de. Educação e Diversidade em questão: examinando os projetos alternativos de escolas para o índio nos anos 70. In: CAETANO, C. V.; BRITO, S. A. de (Orgs). **Educação e diversidade cultural**. Campo Grande: UNIDERP, 2004.

BASTOS, J. A. Q. R. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG**. Belo Horizonte, 2009.

BEHERENS, M. **Paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENDAZZOLI, Sirlene. *Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores Ticunas no Alto Solimões/AM*. 2011. 435 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17102011-152350/pt-br.php>>. Acesso em: 27 maio 2013.

BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem** Petrópolis,RJ: Vozes, 2002.

BAPTISTA, M. G. A. **A concepção do professor sobre sua função social: das práticas idealistas à possibilidade de uma ação crítica**. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (orgs.). **Ensinar a Ensinar: didática para escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p.125- 139.

COLL, C. **O Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

CUNHA, Maria Isabel. **O Bom Professor e sua Prática**. 16º. ed. Campinas: Papirus, 1996. Coleção Magistério formação do trabalho pedagógico.

DINIZ-PEREIRA, J. E. **Formação de Professores - pesquisas, representações e poder** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 44ª Ed- Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo:Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M.; DALLAZEN, M. I. H. (org.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000 (Caderno de Educação Básica, 6) p. 146-164.

FRIGOTTO, G. Tecnologia, relações sociais e educação. *Revista tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro. Abril. Nº 222. p. 89, maio 2009.

GARRIDO, Elsa. Sala de aula: Espaço de construção do conhecimento para o aluno e de Pesquisa e de desenvolvimento para o professor. In: CASTRO, Amélia Domingues; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (orgs.). **Ensinar a Ensinar: didática para escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 125- 139.

GRAMSCI, A. **Caderno de cárceres. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização brasileira,2001.

GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.

HILSDORF, Maria L. S. Os jesuítas – Catequese e colonização. In: **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LAZARETTI, L. M. A compreensão histórico-cultural da brincadeira no desenvolvimento infantil – das hipóteses de Vygotsky às elaborações de Elkonin. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, Educação e Emancipação Humana. 11, 12, 13 e 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis-SC.

LIBÂNEO, J. C. **Didática** – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LEITE, S. A. S (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 15-95. o, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Dimensões afetivas na relação professor-aluno In: FALCI, Daniela C. *Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 76-95

LOPES, Antônia Osima. Relações de Interdependência entre Ensino e Aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 13 ed. Campinas, S. P.: Papirus, 1996. (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

LÜDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Didática: a aula como Centro**. São Paulo: FTD, 1994.
SILVA, Márcio Ferreira. A conquista da escola: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. *Em Aberto*. nº 63, p.38-54,1994.

MELIA, Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização**; São Paulo: Loyola, 1979.

MELIÁ, B. Trançados da Educação Indígena. In: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **A Questão da Educação Indígena**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Moll, L. C. **Vygotsky e a educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

MIZUKAMI, M. G. N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. **Formação de professores: tendências atuais**. – 2ª reimpressão. – Edufscar: São Carlos, 2007.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. A criança concreta, completa e contextualizada: a psicologia de Henri Wallon. In: _____. CARRARA, Kester. *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

NASCIMENTO, A. C. Escola Indígena: palco das diferenças. Campo Grande: UCDB, 2004. (Coleção teses e dissertações em educação, V. 2).

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 1999.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. relação professor- aluno : uma revista crítica. Disponível em: conteúdo escola. Acesso em 14 de março de 2005.

Packer, M. (1994). Cultural work on the kindergarten playground: Articulating the ground of play. *Human Development*, 37, 259-276.
Papirus, 1996. Coleção Magistério formação do trabalho pedagógico

REGO, T. C. (1997). Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação (4ª ed.). Petrópolis: Vozes.

SANTOS, Aldenizia Moçambique dos. *Relatório de Estágio Supervisionado I, II e III na Escola Municipal Indígena Ebenezer*. Tabatinga: Universidade do Estado do Amazonas, 2013.

SILVA, L. N.; SOUSA, J. F. A representação social da brincadeira – a visão do professor.

TASSINARI, A. M. I. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras da educação. In: LOPES da SILVA, A.; FERREIRA, M. K. L. (orgs) *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1991. v. 1.

_____. Madrid: Visor, 1995. v. 3.

_____. Madrid: Visor, 1996. v. 4.

ZAGURY, Tania. **Escolas Sem Conflitos: Parceria com os pais**. 1ª Ed- Rio de Janeiro: Record, 2002.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA
SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSOR(A)**

NOME: _____
FORMAÇÃO/CURSO: _____
TEMPO DE ATUAÇÃO: _____
ESPECIALIZAÇÃO: _____

- 1º- COMO O PROFESSOR É RELACIONADO COM SEU ALUNO NA SALA DE AULA?
- 2º- O QUE O PROFESSOR OBSERVA NO SEU ALUNO NA HORA DO SEU ENSINAMENTO?
- 3º- O PROFESSOR É AMIGO DOS ALUNO NA SALA DE AULA?
- 4º- O PROFESSOR É UM MOTIVADOR NA SALA DE AULA?
- 5º- DE QUE MANEIRA O PROFESSOR RELACIONA COM ALUNO NA SUA AULA?

6º- COMO OS ALUNOS RELACIONA COM SEU PROFESSOR NA SALA DE AULA?

7º-DE QUE FORMA O ALUNO SE RELACIONA COM SEU PROFESSOR?

8º- OS ALUNOS RESPEITAM O SEU PROFESSOR NA SALA DE AULA?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA
SEMIESTRUTURADA PARA OS(AS) ALUNOS(AS)**

NOME: _____

IDADE: _____

1º- O PROFESSOR ENSINA SEUS ALUNO DURANTE A SUA AULA

2º- PROFESSOR EXPLICA O CONTEUDO DA SUA DISCIPLINA NA SALA SE AULA.

3º- VOCE GOSTA QUE SEU PROFESSOR ENSINA NA SALA DE AULA

4º- QUAL O METODO QUE O PROFESSOR USA-LA NA SALA DE AULA

5º- COMO VOCE GOSTA- SE UM PROFESSOR ENSINA SE NA SALA DE AULA

6º- CITE ALGUNS MATERIAS DIDATICA QUE O PROFESSOR ENSINA E USA-LA NA SALA DE AULA

APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBERSVAÇÃO EM SALA DE AULA

1º) RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO?

2º) COMPORTAMENTO DOS ALUNOS EM SALA DE AULA?

3º) AS TAREFAS REALIZADAS PELAS CRIANÇAS EM SALA DE AULA?

4º) A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE O PROFESSOR, IMAGEM DO PROFESSOR PARA ELAS?

5º) AS BRINCADEIRAS EM SALA DE AULA?

6º) AS ATIVIDADES DO PROFESSOR: COMO ELE EXPLICOU, DE QUE MANEIRA EXPLICA PARA OS ALUNO?